



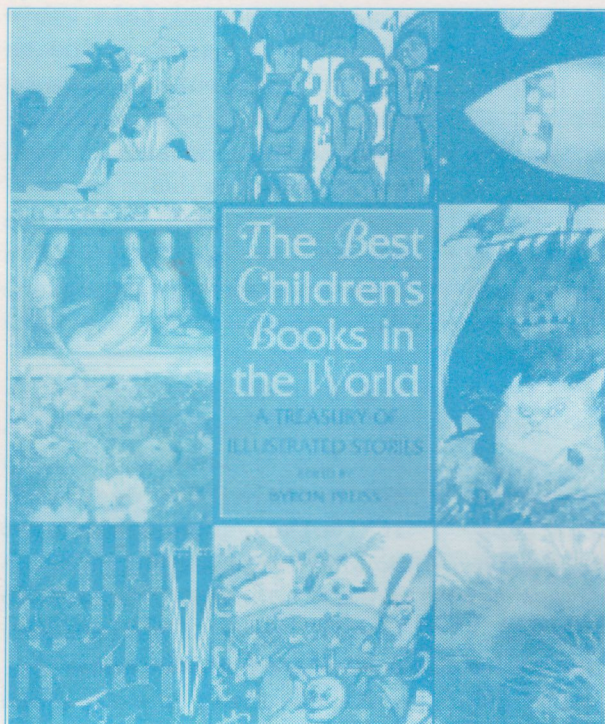
FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People **IBBY**

Notícias 11

Nº. 11 Vol.19 - Novembro de 1997

ANGELA LAGO ENTRE OS MELHORES DO MUNDO



The best children's books in the world, da editora Byron Press Book, reúne livros de escritores e ilustradores reconhecidos, de várias partes do mundo - inclusive o Brasil, representado por Angela Lago. O livro, lançado ano passado, reproduz tanto o texto como a imagem de livros para crianças da China, Irã, Israel, Bélgica, Eslováquia, Espanha, Sri Lanka, Gana, Noruega, Rússia, Suíça e Alemanha. Na orelha do livro, o leitor já fica avisado que ele pode escolher "entre o folclore alemão ou uma fábula brasileira contemporânea." Algumas histórias foram traduzidas especialmente para o livro, que também apresenta um breve histórico dos escritores e ilustradores publicados.

Na introdução, o historiador e educador Jeffrey Garrett, ex-editor da revista *Bookbird*, do IBBY, convida o leitor a conhecer vários mundos diferentes, numa festa virtual de palavras e imagens. Ele também comenta que a obra revela a cultura e a criança de cada país, e que a idéia da produção desse livro foi exatamente essa: por que não ir aos outros países e conhecer os livros favoritos das crianças de cada um deles? A proposta é conhecer quais as idéias que os artistas deixam para as próximas gerações. Apreciando outras culturas os leitores americanos poderão ter uma nova visão dos países representados.

Garrett comenta que *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, é famoso no mundo inteiro, mas que suas traduções e ilustrações só confirmam a dominação cultural americana, certamente se referindo à adaptação de Walt Disney. A produção deste livro, ao contrário, foi a cada país e pesquisou obras que realmente representassem a infância de seus países.

É uma honra ter o trabalho de uma brasileira neste livro. *Cena de Rua*, de Angela Lago, da editora RHJ, revela de maneira inovadora, através de um forte e colorido traço, a triste infância brasileira. *Cena de Rua* recebeu o prêmio de Melhor Livro de Imagem de 1994 da FNLIJ e o Prêmio da APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte.

The best children's books in the world é uma belíssima e bem cuidada produção, com capa dura e papel couchê. O exemplar da Fundação, presente da editora RHJ, está no CEDOP, disponível para os sócios que quiserem apreciá-lo e consultá-lo.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Augustus, Berlendis & Vertecchia, BCD União de Editoras, Bloch, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Círculo do Livro, Cejup, Clínica Ênio Serra, Compór, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora 34, Exped, Formato, FTD, Global, José Olympio, Lê, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Paulinas, Price Waterhouse, Projeto, Record, RHJ, Salamandra, Saraiva, Scipione, SNEL, Villa Rica.

"Paixão de Ler - Entrevista inédita com Bartolomeu Campos Queirós falando sobre sua paixão pela leitura é a participação do *Notícias* na campanha Paixão de Ler".

Você estará recebendo, a partir do *Notícias 11*, o Suplemento Especial que irá refletir e aprofundar temas ligados à literatura infantil e juvenil. O primeiro trabalho será o ensaio de Rosa Cuba Riche, *O Feminino na literatura infantil e juvenil brasileira: poder, desejo, e memória*. O Suplemento será trimestral.



INTERNACIONAL

■ A Coordenação de Fomento de la Lectura del Departamento de Cultura y Bibliotecas de COMFENALCO ANTIOQUIA de Medellín, na Colômbia, acaba de enviar para FNLIJ dois livros muito interessantes para bibliotecários e especialistas da área: *Selección de libros infantiles y juveniles: criterios y fuentes*, de Gladys Lopera Cardora, em que encontramos artigos sobre a importância da seleção de livros infantis e juvenis e seus critérios básicos e os endereços de instituições que trabalham na divulgação do livro infantil e juvenil, incluindo a FNLIJ. O outro livro, *Promoción de la Lectura: conceptos, materiales y autores*, de Luis Bernardo Yepes Osorio, destaca a valorização da leitura. Os dois livros estão à disposição no CEDOP para os sócios.

■ Recebemos do Banco del Libro o resultado da XVII Exposición los Mejores libros para niños: un mar de cuentos. Desde 80 o Banco del Libro, seção do IBBY na Venezuela, promove anualmente uma seleção dos melhores livros do ano. Nesta seleção encontramos livros de artistas brasileiros já traduzidos: *Beijos Mágicos*, de Ana Maria Machado; *Subida ao céu: mito dos índios bororó*, de Ciza Fittipaldi, e *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga Nunes.

■ O número 207 da revista cubana *Casa de las Américas* tem matéria dedicada aos cem anos dos quadrinhos de Miguel

Rojas Mix intitulado: "Los héroes están fatigados: el cómic cien años después". Além dele a revista traz artigos de Antonio Candido sobre Darcy Ribeiro e Nelson Werneck Sodré. Para quem se interessar, o e-mail da revista é: casa@artsoft.cult.cu.

■ *Brasil Nu*, nº 14, revista da comunidade brasileira na Escandinávia, tem como matéria de capa a autora Leny Werneck, participante ativa da FNLIJ na década de 70 e que viveu um bom período na Dinamarca divulgando a literatura infantil e juvenil brasileira. Leny tem vários livros traduzidos na França, onde reside há muitos anos, e também no México e no Egito. Mais informações sobre a revista pelo e-mail: porska@post3.tele.dk.

NACIONAL

■ O projeto Feira de Livros Infantis foi criado pelo Departamento Nacional do SESC em 1981 visando difundir a literatura infantil e estimular o gosto pela leitura. No 16º ano de existência o projeto está realizando 74 feiras, abrangendo 23 estados e 72 municípios do Brasil.

■ O artista Gian Calvi recebeu no dia 10 de outubro o Título de Benemérito do Estado do Rio de Janeiro na Assembléia Legislativa do Estado. A iniciativa foi do deputado Lauro Monteiro. Gian Calvi é um dos mais importantes ilustradores brasileiros e foi colaborador da FNLIJ durante muitos anos.

■ Daniel Munduruku, autor

do livro *Histórias de Índio*, da Cia. das Letrinhas, oferece palestras e cursos para alunos e professores sobre vários temas indígenas. Com vídeos e slides, Daniel fala sobre a criança indígena, os índios e o meio-ambiente, e para os professores, a temática indígena na sala de aula. Todas as atividades são acompanhadas de dramatização e de danças em que a criança poderá participar. O telefone para contato é (011) 3061-0639 e (021) 552-6464.

■ No *CBL informa*, informativo da Câmara Brasileira do Livro, a Fundação é citada na matéria de destaque, intitulada *Jabuti elege livro do ano*. A Fundação recebeu o prêmio Jabuti "Amigo do Livro", como já noticiamos.

■ Lobato tem novo endereço, além do Sítio do Pica-pau Amarelo. Quem quiser pesquisar ou se informar sobre a vida e obra dele pode visitar seu site na Internet, organizado por José Whitaker Penteado. O endereço é <http://www.lobato.com.br>. O site, além de ter informações sobre Lobato, trata do livro de Whitaker, *Os filhos de Lobato*, da Editora Dunya.

■ Acaba de sair uma edição especial do *Suplemento Literário*, da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, dedicado à literatura infantil e juvenil. O suplemento tem artigos de Lino de Albergaria, uma história de Angela Lago e várias ilustrações de Cláudio Martins, Mário Vale e outros mineiros, uai.

Marilda Castanha na BIB'97

A BIB'97, Bienal de Ilustração de Bratislava, na Eslováquia, a mais importante da área da literatura infantil, foi realizada entre os dias 5 de setembro e 31 de outubro.

Durante 30 anos de exposição de livros infantis de todo o mundo e 15 anos de exposições de originais, a BIB já apresentou 3.000 ilustradores de 85 países de todos os continentes sendo mais de 3.000 originais.

Vários ilustradores brasileiros participaram da BIB'97 enviando seus trabalhos através da FNLIJ como Marilda Castanha, Ivan Zigg, Roger Mello, Regina Yolanda, Angela Lago, Elizabeth Teixeira, Lúcia Hiratsuka, e Eva Furnari.

Assim como já foram Angela Lago, Ana Raquel e Apon, Marilda Castanha foi indicada pela FNLIJ para participar de um *workshop* para ilustradores da América Latina e agora nos faz um relato de sua participação:

"Em plena era do computador, do avanço tecnológico e da caneta ótica, na XVI Bienal Internacional de Ilustrações de Bratislava o destaque continuou sendo o trabalho de arte, seja desenho, gravura ou pintura. Retrocesso? De forma alguma. Uma grande parte da mostra, os trabalhos premiados da Bienal, junto com a exposição de ilustrações, pinturas e gravuras de Dusan Kallay, e uma mostra com belíssimas gravuras de Albin Brunovsky, evidenciam o compromisso dos artistas com uma linguagem plástica, contemporânea, ousada. Revelam que o computador é um recurso importante, (vi alguns trabalhos bem interessantes, realizados com computação gráfica e pintura), porém mostravam que é difícil substituir pela tecnologia o encantamento que a expressão plástica provoca.

Durante o *workshop* realizado em Morahavany, nos arredores de Bratislava, a mesma conclusão. Hoje, na Europa e no mundo, artes plásticas e ilustração não são linguagens distintas, distanciadas. Os ilustradores estão cada vez mais comprometidos com um trabalho de autoria, de criação, de pesquisa e qualidade técnica. Além da simpatia de todos os organizadores, sempre muito amáveis conosco, nosso local de trabalho foi um agradável ateliê, sem computador, apenas cercados de tintas, idéias e pincéis. Tudo isto tornou os 15 dias em Bratislava uma história com começo, meio e final feliz."

Resultado da BIB'97

GRAND PRIX '97

Martin Jarrie, France • *Toc, Toc, Monsieur Cric-Crac* • *Le Colosse machinal*

BIB'97 GOLDEN APPLES

Isabelle Chatellard, France • *Les Chocottes* • *Olivia à Paris*

Toshio Kajiyama, Japan • *Warabe* • *Uta*

Takashi Kitami, Japan • *Saisho Monogatari*

Susanne Janssen, Germany • *Die Wette, wer zu erst wuttend wird* • *Die Prinzessin mit dem dicken Po*

Linda Wolfsgruber, Austria • *Wolf oder Schaf...*

BIB'97 PLAQUES

Harrie Geelen, Netherland • *Mogen ga ik naar China*

Wolfgang Slawski, Germany • *Die Besucher - Sucher*

Jorg Muller, Switzerland • *Der Standhafte Zinnsoldat*

Jurg Obrist, Switzerland • *Die Aludose und die leisen Lieder*

Roberto Innocenti, Italy • *Nutcracker*

HONORARY MENTIONS TO PUBLISHERS BIB'97

OU ULVI POSTKAART • Edgar Valter, Estonia - *A Golden Whistle*

LIVROS NO NATAL

Parece incrível, mas o Natal já está aí outra vez. O *Notícias* aproveita para dar uma série de sugestões de livros, que serão ótimos presentes nessa época, um bom motivo para a família separar a imagem do livro da obrigação escolar. Depois do Natal as crianças vão poder aproveitar muito a leitura durante as suas férias.

Fazem parte desta lista alguns livros que foram pré-pré-selecionados para os prêmios da FNLIJ.

AO LIVRO TÉCNICO: *Socorro!*

Eu sou uma árvore, de Gercilga S. de Almeida. Il. Hedra Megged.

Emmanuela, de Iêda de Oliveira. Il. Marilda Castanha.

BRINQUE-BOOK: *O limpador de placas*, de Monika Feth. Il.

Boratyúski. Trad. Dieter Heidemann. *Cadê - O gato que era da cor do tapete*, de Gretchen Schields. Trad. Gilda de Aquino.

CIA. DAS LETRINHAS: *M de Monet*, de Marie Sellier. Trad. Eduardo Brandão. *Lá vem a história - Contos do folclore mundial*, de Heloísa Prieto. Il. Daniel Kondo. *Giotto*, de Sylvie Girardier & Claire Merleau-Ponty. Il. Nestor Salas.

EDIURO: *Debaixo de um tapete voador*, de Leo Cunha. Il. Anna Gobell

NOVA FRONTEIRA: *O dilema do bicho-pau*, de Angelo Machado. Il. Raquel Lourenço. *Nas páginas do tempo*, de Leo Cunha. O livro das virtudes para crianças, organizado por Willian J. Bennet. Il. Michael Hagne.

PAULINAS: *A pipa*, de Roger Mello. *Leonardo; Noel e Mateus*, de Nelson Cruz. *A linha do horizonte*, de Ricardo Azevedo.

RECORD: *Coleção verso na prosa, prosa no verso*, de Carlos Drummond de Andrade. *A casa dos Braga - crônicas de Rubem Braga*.

Bartolomeu Campos Queirós

Bartolomeu Campos Queirós é um dos mais importantes autores de literatura infantil no Brasil, e está sendo indicado pela FNLIJ para concorrer ao Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY, pelo conjunto de sua obra. Esta entrevista foi concedida em 1995, quando preparava minha tese de mestrado sobre o processo de criação em literatura infantil e juvenil. Nela, Bartolomeu fala muito sobre seu prazer de ler e a importância da leitura para o aprimoramento do seu ofício: "Eu sou muito encantado pela leitura. Acho que ler é uma coisa superior à escrita." Essa é uma contribuição do *Notícias à semana da Paixão de Ler*.

Luciana Sandroni

N - Você poderia falar sobre sua infância, as primeiras leituras e escritos?

BQ - Na minha infância não tinha muito livro para criança. Tinha livros lá em casa, meu pai tinha alguns livros que ele lia de vez em quando mas não era sempre... Hoje fico lembrando, eram livros de biografias de grandes vultos, essa coisa. Além disso a gente lia a Bíblia, muito, que era o grande livro, e lia alguma coisa na escola. A professora lia para a gente na escola. Tinha uma biblioteca lá, mas aquelas coisas de traduções ainda, de contos de fadas. Eram coisas muito nessa linha que eu lia na infância. Não tinha muito uma literatura específica. Eu sou de Papagaio, interior de Minas. Eu lia muito, mas o que eu lia... Quer dizer, eu tinha o meu avô que morava em Pitangui, que é perto da minha cidade. Meu avô tinha como hábito escrever nas paredes da casa. E desde que me entendo por gente eu me entendo lendo as paredes da casa do meu avô, porque ele escrevia na parede tudo o que acontecia na cidade, quem casava, quem morria, minha avó que perdeu a agulha, o tal que chegou, a visita que veio, o que ela conversou... Então a casa era todinha escrita; era uma casa colonial muito grande, ele não trabalhava, e tinha por hábito fazer isso. Eu me lembro o tempo inteiro de ficar lendo as paredes da casa do meu avô. Mesmo na hora de deitar, eu dormia, virava para um canto e tinha escritos na beirada da cama e eu ficava tentando ler aquilo. A vida inteira foi essa a minha leitura.

N - E você tinha vontade de escrever também?

BQ - Na parede, não; engraçado. Meu avô tinha uma letra muito bonita, aquela letra que parecia cartório dos antigos, e ele escrevia a lápis, um lápis grosso. Eu me lembro de que eu gostava muito do que meu avô fazia; esse exercício do meu avô me agradava muito. Toda vez que eu chegava lá eu ficava tentando saber o que ele tinha feito de um ano para outro, de umas férias para as outras, o que de novo

aconteceu. Ele ficava me mostrando aquilo. E subia escada para escrever lá em cima, escrevia no teto, subia na mesa... Ele ia povoando a casa inteira disso.

N - E ele nunca contou por que fazia isso?

BQ - Não, nunca. Nunca contou. E a gente respeitava. Todo mundo na cidade sabia; outro dia mesmo eu estive lá em Pitangui, e quando falo que sou neto do Queirós, eles falam: "ahhhh! O que escrevia nas paredes!" Todo mundo sabe que ele escrevia nas paredes. Então foi por aí que lembro; foi quando comecei o curso ginásial, lá em Divinópolis, que comecei a ler José Lins do Rego, Machado de Assis, José de Alencar... Já entravam nisso. Mas Lobato, por exemplo, fui ler depois. Depois me interessei. No meu tempo não tinha ainda Lobato - não tinha para nós, não chegava lá na cidade.

N - Nessa época você já sabia que se interessava por literatura?...

BQ - Eu gostava muito de ler. Toda vida gostei muito de ler, mas nunca pensava em ser escritor. Gostava de ler, gostava de redação, também, de composição, na escola; não era uma coisa que me aborrecia, era uma coisa muito prazerosa. Mas só vim mesmo escrever bem mais tarde.

N - Como foi essa sua entrada nesse universo?

BQ - Eu estava morando em Paris nessa época, não tinha aula nem quinta nem domingo...

Eu estava fazendo uma especialização em arte e educação. Então eu ficava toda quinta e domingo à toa. No fim do tempo lá eu já estava com saudades do Brasil, saudade da minha casa, dos meus amigos, vontade de voltar... E aí todo dia que eu tinha folga descobri que pensava a mesma coisa. Falei assim: "não, não vou pensar duas vezes numa coisa só". Falei comigo mesmo: por que eu não escrevia alguma coisa que eu não soubesse que eu sabia ainda?. Então meu primeiro trabalho... Comecei a escrever um texto, *O peixe e o pássaro* - porque eu morava perto de um

jardim que tinha muito peixe e muito pássaro; mas comecei a escrever para não pensar todo dia a mesma coisa. E aí quando voltei ao Brasil trouxe esse texto que tinha escrito na Europa e entrei num concurso e ganhei o primeiro lugar, no João de Barro, em Belo Horizonte. E daí para frente continuei escrevendo, comecei a escrever por aí. Antes disso eu trabalhava já com criança, com arte e educação em Belo Horizonte, no Ministério da Educação, que tinha uma extensão lá em Minas. Eu gostava muito do meu trabalho com criança; então lia o que a criança estava lendo, a literatura que estava chegando na escola, já tinha interesse por isso. Então daí que comecei a escrever.

N - E hoje, você só trabalha com literatura?

BQ - Não, até 94 eu ainda trabalhava com o governo; sou funcionário público, da Secretaria de Educação e da Secretaria de Cultura. Agora, estes últimos quatro anos passei dirigindo o Palácio das Artes. Agora eu deixei, em janeiro, e estou em casa, sabe, assim só lendo e escrevendo. Minha vontade daqui para a frente é não voltar a trabalhar mais em serviço público, mas dar conta de viver mesmo assim lendo e escrevendo, que é o que eu gosto de fazer. Gosto mesmo.

N - Em algum momento da sua vida, depois do Peixe e o Pássaro, você sentiu que era escritor?

BQ - É, eu senti um prazer muito grande; comecei a lembrar, por exemplo, do tempo em que eu era aluno de ginásio, que eu escrevia muito, que eu tinha um professor em Divinópolis que me encantava muito, que me punha para escrever... Eu escrevia no jornalzinho do colégio, crônicas... Isso passou, mas depois retomei; voltei a lembrar que escrever era uma coisa que me dava muito prazer sempre. Então depois do concurso continuei, fui escrevendo. A princípio eu trabalhei muito; então o tempo de escrita era um tempo menor. Fazia uma pesquisa grande; e escrever para mim nunca

foi uma coisa muito fácil, não. Eu gosto muito da pesquisa, da consulta em dicionário, da elaboração do texto, quer dizer, não é uma coisa que sai pronta; é uma coisa trabalhada. Demanda tempo, demanda pesquisa, mudança no texto, tudo isso. Para mim, escrever não é uma coisa tão fácil, não.

N - *Você tem alguma imagem de criança, ou mesmo a criança que você foi, para quem você escreve?*

BQ - Não. Eu sinto, assim que eu faço o texto, que eu procuro também no texto uma simplicidade muito grande, eu persigo essa simplicidade que vai permitir que o texto seja lido por muitas pessoas. Vários níveis de leitura. Eu procuro assim: quero que a criança também leia esse texto. Mas não que eu escreva para ela. Eu procuro um texto que dê entrada para ela, em que ela possa entrar com o imaginário dela nesse mundo; mas não que eu fique preocupado com um texto só para criança. Eu não acredito nisso.

N - *A memória da sua infância entra como?*

BQ - Às vezes eu trago para a literatura um fato da memória. Quer dizer, retrabalhado, é claro; eu elaboro isso. Mas eu tenho usado muito a minha infância na literatura. Ou o que me faltou, ou a história que eu queria que me contassem e não me contaram, ou alguma coisa que aconteceu agradável ou desagradável na minha infância. Agora mesmo terminei um texto, *Por parte de pai*, em que conto uns fatos desagradáveis da minha infância. Mas eu não me preocupo muito com o real, não; o real para mim só serve para ser modificado, alterado, recriado; aí gosto do real. Mas escrever o real, pura e simplesmente, não me encanta, não. Gosto da reelaboração, da reinvenção desse real.

N - *E você consegue detectar o momento em que nasce a idéia para um livro?*

BQ - Por exemplo, o *Cavaleiro das Sete Luas*, eu lembro muito bem: foi numa manhã de domingo que eu comecei a fazer a barba. Eu tinha um almoço para ir, e quando eu estava diante do espelho, com a cara bem ensaboada, me veio uma frase assim: "eram sete cavalos brancos". E eu falei isso pro espelho. Aí parei e tomei nota dessa frase. Pode acontecer assim. A *Correspondência*, também, um livro que eu fiz para crianças; eu tinha determinado que seria um livro de cartas, e que seriam oito cartas. E quando pensei "oito cartas" na verdade eu tinha já quatrocentas cartas escritas para escolher, não tinha jeito... carta de pai para filho, de desempregado

para patrão, tinha tudo isso, um monte de coisa. E o texto era de encomenda, eu tinha que entregar. Então quando falo: "Vão ser quatro cartas de homem e quatro de mulher", lembrei dos quatro evangelistas. Nessa hora joguei tudo o que eu tinha feito fora e comecei a fazer o texto. A partir da lembrança de que eram quatro evangelistas, e que o evangelho era uma boa nova, fui procurar as mulheres na Bíblia, e aí comecei a bolar o texto. É um texto que demorei muito tempo fazendo, joguei tudo fora, e em dois dias fiz o resto, quando deslanchou assim. Eu faço anotações. Anoto uma palavra, às vezes estou conversando com alguém e esse alguém fala uma palavra que me estranha um pouco, e que há muito tempo eu não ouvia. Aí faço uma anotação e trabalho em casa.

N - *Como é sua disciplina para escrever? Você tem disciplina?*

BQ - Eu sou muito encantado para leitura; então tenho que ficar me policiando, porque às vezes começo a escrever, tenho uma idéia, lembro do poeta tal, ou do autor tal, aí paro de escrever, começo a ler aquela pessoa, aquele escritor, e fico dias, dias, lendo... Quer dizer, não tenho disciplina para escrever, não. Escrevo quando tenho vontade; a leitura me tira muito do hábito de escrever. Eu leio muito, gosto de ler, acho até que ler é uma coisa superior à escrita, para mim. Eu me sinto muito bem lendo.

N - *A leitura também te faz o contrário, te leva a escrever?*

BQ - Me leva a escrever, também; tem um diálogo grande entre a escrita e a leitura. Tem épocas que escrevo mais e leio menos, tem épocas que leio nada e escrevo muito. Mas escrevo todo dia. Escrevo carta, respondo... Tenho uma correspondência muito grande, recebo muita carta, de adolescente, de criança, de professor. E faço muita questão de responder, escrevo normalmente muita carta, fora minha correspondência pessoal, assim, de amigos. Mas escrevo todo dia. Não consigo escrever ainda no computador. Escrevo à mão. Tenho computador, dou conta de escrever um texto teórico no computador, de fazer alguma reflexão sobre literatura, mas se a minha predisposição é a de fazer um texto literário, não vou para o computador. É distante para mim. Eu escrevo muito perto do papel; e no computador, sabe, não sinto nenhuma emoção. E o papel me emociona muito, a caneta me emociona muito. É uma coisa muito distante, muito diferente para mim, o computador. Depois de estar

definitivamente pronto eu vou para a máquina. Eu faço e refaço o texto exaustivamente. Não tenho nenhuma possibilidade de dizer que eu vou fazer um texto e que amanhã ele vai estar pronto. Preciso de um tempo para esse texto dormir, para eu ler depois para saber se é isso mesmo, reformular. O texto tem que descansar um tempo, aí depois vejo, trabalho um tempo, depois refaço. Preciso de muito silêncio. Quando eu estou para escrever sinto que fico muito silencioso.

N - *Você tem um canto em que você escreve?*

BQ - Tenho; eu moro sozinho, meu apartamento não é pequeno, tenho um escritório todo montado, com computador, e tudo, mas eu só escrevo na mesa da copa. Eu leio lá no escritório, na casa inteira... Mas escrever, não; só na mesa redonda da copa. Sabe, no meio assim de compoteira, que eu chego para lá, é aquele lugar onde eu sei fazer. E é engraçado para mim isso, porque meu apartamento é muito claro, tem muita luz, e essa copinha é um lugar que não tem nenhuma janela, é quase que um jardimzinho de inverno dentro do apartamento. Não tem nenhuma visão para fora. E é lá que eu sei fazer.

N - *As pessoas da casa te incomodam quando você está escrevendo?*

BQ - Ficamos eu e a empregada, uma empregada antiga, já mora comigo há muito tempo, que dorme na casa dela, ela é casada. Então ela vai de tarde embora. Mas eu só escrevo naquele lugar. Ela é muito silenciosa, a dona Neide, não me incomoda, não. Mas também não escrevo com nada por trás, tipo televisão ligada, disco tocando... A hora de escrever para mim é uma coisa muito pessoal. Eu tenho observado isso pelo ritual da escrita. Por exemplo, mesmo eu morando sozinho, eu não dou conta de escrever sem camisa; tenho que estar arrumado, vestir uma roupa, para depois sentar e trabalhar. Escrever para mim é uma coisa meio formal; exige uma certa preparação. Aí quando escuto música, às vezes, quando preciso me *afinar* um pouco, escuto sempre, há uns quinze anos, é a Jessie Norman; quem me põe bem *afinado* é a Jessie Norman. Tenho tudo dela. Quando viajo para a Europa compro tudo o que ela faz, sei de toda a vida dela. A voz dela... De repente eu me equilibro, fico equilibrado para fazer alguma coisa. Tem que ser a Jessie Norman. Não tem hora para escrever; é quando eu tenho vontade.

A minha irmã telefona, meus amigos telefonam, e aí quando eles percebem no telefone que a Jessie Norman está cantando, dizem: "Jessie Norman tá, né?" E desligam logo... Porque sabem que estou trabalhando.

N - *Nesse ritual tem mais alguma coisa?*

BQ - Tem o silêncio, o silêncio absoluto... Tem uma coisa de limpeza, eu passo o pano, é uma mesa de madeira, sempre sem forro, sei que eu estou preparando. Às vezes até demoro nisso. Mas eu estou mexendo. E às vezes faço todo o ritual e me desacerto e escrevo uma carta. Mas sempre tem esse ritual. Não tenho uma hora do dia para isso, só sinto necessidade de ficar livre, na hora de escrever.

N - *Você tem lembrança de um livro que te tomou mais, que foi mais sofrido, e de um outro que tenha sido bem pouco sofrido?*

BQ - Olha, esse trabalho que fiz agora, *Por parte de pai*, a cabeça dele demorou muito tempo para ser feita; demorei a ter coragem para escrever ele, mexer com isso. Foi um texto que demorei muito para fazer. Foi um texto maior, denso, eu sei, então demorei mais. Tem alguns em que demoro mais. Demorou na cabeça porque aí fico pensando... mas não escrevo. Depois desenvolvo isso; e não paro. Paro assim, se for viajar, aí faço questão de não levar na viagem o texto, porque fica fácil tomar distância disso. E é fundamental para mim, para saber quando o texto está pronto, ler em voz alta. Quando leio em voz alta e não cabe na minha respiração aquela pontuação não está pronto. Não dou por terminado. E isso desde sempre. Quando engasgo na leitura, quando sinto que aquilo não caiu no lugar certo, quando fico vacilando, aí refaço.

N - *E a idéia de sofrimento na criação?*

BQ - Não, tem prazer. Porque você está fazendo uma coisa que não foi feita ainda, né? Quer dizer, é um sofrimento porque você está querendo inaugurar uma idéia que ninguém escreveu ainda, uma forma, uma idéia que ninguém seguiu ainda. Então isso é inevitável. É uma faca de dois gumes, por um lado é prazeroso, mas tem esse sofrimento. E quanto mais o texto exige, a gente mais fica infeliz.

N - *Esse sofrimento está ligado à idéia de não conseguir?*

BQ - Está ligado a achar que ele não corresponde à emoção que aquela idéia traz. Você tem que fazer coincidir com a emoção que aquela idéia traz. E mesmo o texto estando completo você não retrata a emoção daquela idéia, a delicadeza, a sutileza

dela; você não consegue às vezes. E aí demora.

N - *Mas também quando consegue...*

BQ - Aí vem uma alegria muito grande; eu relaxo.

N - *Você falou que escreve procurando a maneira mais simples possível. Você não pensa que está escrevendo para criança? Você tem algum tipo de autocensura, em relação a palavras, a temas, a tipo de narração...*

BQ - Não. Acho que você pode narrar qualquer coisa, dependendo do estilo que você determina seguir, para poder ir de uma maneira bem simples. Gosto de pensar nisso.

N - *Você já sentiu ou notou alguma discriminação em relação ao autor que escreve para criança?*

BQ - É... Às vezes eu já senti isso, sabe? Não sei... é uma coisa que vem de alguns escritores. O escritor geralmente acha que é uma coisa menor, escrever para criança. Não é tanto, não, mas na mídia tem, sim. Tem aquela pergunta: "por que você não escreve para adulto?" Eles fazem isso com a gente. Acho interessante; estou sempre escutando essa pergunta. Mas agora foi defendida aqui nas Gerais uma tese de doutorado sobre o meu trabalho. É um trabalho de Letras - fui até ver a defesa. Todo mundo estava muito cheio de expectativa. Ela diz que eu uso, que ponho a minha infância na literatura, mas não que eu faça literatura infantil. Ela vai por aí. É interessante o trabalho dela. A escola também exige de um escritor determinadas coisas que podem enfraquecer a profissão.

N - *Você tem a intenção de passar otimismo, bom humor, alguma coisa assim?*

BQ - Não, eu tenho uma dificuldade minha, pessoal, que posso falar dela porque já trabalhei muito isso. É a minha dificuldade de conviver com o feio. Tenho dificuldade, mas em todos os momentos, em qualquer situação. Se eu vejo uma coisa muito feia não conto para ninguém. São coisas de que eu protejo o outro. Coisas desagradáveis... eu sou muito reservado quanto ao feio. É difícil. Então acho que isso se reflete no meu trabalho; quero passar em tudo uma certa... uma certa beleza, uma certa serenidade. Isso eu tenho. Mas isso em todas as situações; uma coisa bonita, uma mesa bem posta, sabe... é uma coisa pra que olho muito. Isso vai refletir. Se um fato é feio, eu tenho primeiro que vestir ele de uma certa beleza para depois contar.

N - *Você falou que lê muito. E literatura infantil, você lê?*

BQ - Leio. Sempre que me mandam alguma coisa eu leio. Às vezes participo de algum júri, de algum concurso, leio... e às vezes até gosto, para saber o que o pessoal está fazendo, sabe? E para júri eles mandam muita coisa; do último que participei foram quase 500 trabalhos. E tem cada coisa...

N - *Você falou de um professor que te estimulava a escrever. E na família, não tinha uma pessoa que te incentivasse, te desse livros?...*

BQ - Minha avó, que contava muita história para gente. Ela sabia muito, todas essas histórias de fantasma, de santo, de vida de santo, com muito sofrimento, aquelas coisas; eu gostava muito. Sem livro nenhum. Minha avó tinha várias histórias, ia contando... Nós éramos seis filhos. Naquele tempo ler também não era muito... Engraçado, fico pensando assim; eu me lembro de algumas coisas, de eu estar lendo e... Meu pai fez isso comigo, de eu estar lendo e ele dizer: "menino, feche esse livro, vai fazer uma coisa que preste!" É uma coisa que ficou na minha cabeça. Até conversei com meus irmãos a respeito disso, se havia isso mesmo, e eles disseram que havia. E era uma coisa... "Feche esse livro, vai fazer uma coisa..." Ler naquele tempo não era uma coisa importante. Era uma coisa ociosa, lia na escola, tinha a ver com escola. E eles queriam que eu fosse para a escola. Ler era importante; mas era para a escola.

N - *Como é a sua relação com o ilustrador dos seus livros?*

BQ - Geralmente a editora me pergunta se eu tenho alguém que gostaria que ilustrasse o trabalho, às vezes eu falo, às vezes não. Vejo que são editores que cuidam bem do trabalho, e a gente então deixa por conta. Tem outras editoras em que você tem mais dúvida. E mesmo assim saem umas coisas que eu às vezes não gosto, sabe? Agora mesmo tem a *Faca Afiada*, que até vou fazer outra edição, é um texto que as crianças gostam muito, é uma história meio de terror, e as crianças gostam muito de terror, então fiz essa *Faca Afiada*, tentando entrar um pouco nisso de suspense. Mas o livro não ficou bonito, ficou feio, e a editora até está mudando agora, está fazendo outra edição, que eu pedi.

N - *Você vê a ilustração antes?*

BQ - Vejo. Gosto muito de trabalhar com o Paulo Bernardo, por exemplo. Muito mesmo. São pessoas sensíveis, que eu vejo, que percebem a linha que estou seguindo, que são capazes de criar uma outra linguagem, de dar idéias...

RECOMENDAÇÕES

Dietlind Blech, ilustradora deste livro, mora em Munique e já visitou o Brasil algumas vezes. Sempre esteve na FNLIJ, compartilhando suas experiências, como da última vez, quando trouxe Pandora, em inglês. Pela primeira vez um livro com suas ilustrações é publicado aqui.

Pandora. William Mayne. Il. de Dietlind Blech. Trad. de Roberto Guimarães. Editora Agir, Rio de Janeiro, 1997.

Pandora é a história de uma gata doméstica que vive rodeada do amor de seus donos até que chega outro morador na casa. Percebe-se uma regressão do animal à vida selvagem para que o amadurecimento lhe chegue com segurança. A gata busca no ambiente externo a compreensão para o sentimento de rejeição que sentia. Ela pôde elaborar sua angústia com o nascimento de seus filhotes, que lhe trazem o novo sentido da vida. Esses aspectos da psique humana são aqui vividos pelo animal de estimação, tão presente na vida das crianças. E, certamente, toda a carga de afetos experimentada pela gata será identificada pelo leitor.

O livro tem um projeto gráfico bonito e bem cuidado, que foi mantido pela Editora Agir. As ilustrações, de Dietlind Blech, são quadros ricos em detalhes minúsculos. Há luz, sombra, profundidade e perfeita exploração de cores. Essas são empregadas em diferentes tonalidades que caracterizam o clima ameno do início (em tons claros e pastéis), a angústia e

solidão da fuga da gata (em tons escuros e agressivos) e o encontro da família com os gatos ao final (em tons fortes e alegres). Percebemos ainda a harmonia dos desenhos, expressa na diversidade de objetos bem enquadrados.

A ludicidade está presente em várias cenas das ilustrações, nos brinquedos da criança, nos gestos da gata... Curiosa é a coleira vermelha - símbolo da transgressão - que fica esquecida no mato, deixando o final da história aberto em interpretações diferentes. Percebemos nesse detalhe como é importante a atenção à leitura da imagem que não apenas "acompanha" o texto, mas, principalmente, enriquece e amplia as possibilidades de compreensão da história, deixando um espaço a ser preenchido, subjetivamente, pelo leitor. Bom para ser lido por crianças que já lêem o texto escrito e que, com certeza, poderão se confrontar com aspectos explorados como rejeição e ciúme, compreendendo essas dificuldades pelo viés da ludicidade e do afeto.

Ninfa Parreiras

BIBLIOTECA

Relação de livros recebidos pelo CEDOP / FNLIJ até 20/09/1997

MODERNA: **Maria noite, Maria dia**, Elisabeth Maggio, ilust. Fábio Sgroi. **Globalização**, Demétrio Magnoli, ilust. Alexandre Orzogino. **Contágio**, Rogério de Andrade Martins. **O jovem e seus direitos**, Anna Christiana Cardoso de Mello, ilust. Mariza Dias. **Em busca do pai**, Giselda Laporta Nicolélis, ilust. Avelino Guedes. **Cinderela**, recontado por Giselda Laporta Nicolélis, ilust. Rogério Borges. **O soldadinho de chumbo**, recontado por Cristina Porto, ilust. Avelino Guedes. **O sapateiro e os anõezinhos**, recontado por Lafs Carr Ribeiro, ilust. Cecilia Iwashita. **O avião do rei**, Wilson Rocha, ilust. Graça Lima. **Animais de estimação**, Rosicler Martins Rodrigues, ilust. Rodrigo Marques. **A vida de minhoca**, Rosicler Martins Rodrigues. **O burro e o sal**, Edgard Romanelli, ilust. Giroto e Fernandes. **Vida**, Robert Snedden, trad. Christine Janczur. **Tempo**, Robert Snedden, trad. Darrell Champlin. **Dia de submarino**, Ricardo Soares, ilust. Renato Alarcão. **Mariana do contra**, Rose Sordi, ilust. Leninha Lacerda. **Quando pinta o amor**, Maria Carolina Garcia, ilust. Orlando Pedroso. **Dedinhos desbocados**, Márcia Kupstas, ilust. Avelino Guedes. **Trabalho**

em debate, Márcia Kupstas (org). **Comportamento sexual em debate**, Márcia Kupstas (org). **Violência em debate**, Márcia Kupstas (org). **Ecologia em debate**, Márcia Kupstas (org). **Identidade nacional em debate**, Márcia Kupstas (org). **Saúde em debate**, Márcia Kupstas (org). **Belo Monte - uma história da guerra de Canudos**, José Rivair Macedo & Mário Maestri, ilust. Getúlio Delphin.

VILLA RICA: **O ouro do mouro**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Nívio Lopez. **A noite do grilo**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Victor Moreno. **Gatos constipados**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Ulises Wensell. **O ratinho chiquitinho chiquitão**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Ulises Wensell. **A dragona ramona e o dragão tragão**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Ulises Wensell. **Pililiupe**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Ulises Wensell. **Ben-gala**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Ulises Wensell. **A rãzinha careca**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Ulises Wensell. **A vaca magrela/O anjinho Benito**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, trad. Eugênio Amado, ilust. Nívio Lopez. **Cabra-**

cega, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Victor Moreno. **O urso famoso**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Victor Moreno. **O patinho bonitão e a pena mágica**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Ulises Wensell. **Dom donato piripato**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Ulises Wensell. **O dragão policarpo**, Gloria Fuertes, trad. Eugênio Amado, ilust. Nívio Lopez.

BRINQUE-BOOK: **De volta à imensidão azul**, Virginia McKenna, trad. Gilda de Aquino, ilust. Ian Andrew. **Griso**, Roger Mello, ilust. do autor, baseadas na arte universal. **Cadê, o gato que era da cor do tapete**, Gretchen Schields, trad. Gilda de Aquino, ilust. da autora. **Formigamiga e Cigarragarra**, Rogério S. Trezza, ilust. do autor.

PAULINAS: **A, e, i...onde estão?**, Cláudia Rosenblatt, ilust. da autora. **1, 2, 3... onde estão?**, Cláudia Rosenblatt, ilust. da autora. **Laurogaio**, Ana Suzuki, ilust. Cláudia Scatamacchia.

AO LIVRO TÉCNICO: **Gino e Polaco - detetives particulares**, Tibúrcio, ilust. do autor. **Uma história pouco comum**, Valéria de Oliveira Torres, ilust. Marlene Prestes Moreira.

CANAL FUTURA

O Canal Futura, coordenado pela Fundação Roberto Marinho, entrou no ar em setembro com uma ótima programação, voltada para a educação e o conhecimento. A literatura infantil e juvenil está sendo divulgada através dos programas *Teca na TV*, *Tirando de Letra* e o *Nota 10*, estes dois últimos têm assessoria da FNLIJ. O *Notícias* fez uma rápida entrevista com Mônica Pinto, gerente de conteúdo e avaliação do Canal Futura.

N - Qual a importância da literatura infantil no Canal Futura?

M - No Canal Futura a leitura é uma das principais ações que queremos incentivar. A formação do leitor, ainda criança, o prazer e o hábito de ler são incentivados em vários momentos. No *Teca na TV*, programa para crianças de 3 a 7 anos, temos um bloco específico com narrativas. Temos um programa semanal, *Tirando de Letra*, voltado especificamente para o público jovem. Nele mostramos como a vida está nos livros, damos dicas de leitura bem atuais, mostramos como a leitura é importante na vida das pessoas e em suas profissões, sejam elas pessoas comuns ou conhecidas do público. Mostramos adaptações de grandes livros para o teatro e para o cinema. E em vários outros programas falamos do livro: no *Nota 10* Elizabeth Serra fala sobre literatura infantil para professores semanalmente. E neste programa, para aprofundar toda experiência pedagógica que aparece, fazemos indicações bibliográficas. No *Via TV* recomendamos livros de história e

geografia e livros de ficção que falem sobre essas temáticas. No *Profissão empresário* indicamos também livros para o empreendedor que quer fazer um novo negócio. Sem esquecer do *Faixa Comentada*, programa que vai ao ar às 22 horas, em que trazemos uma minissérie da Globo - *Maria Moura, O tempo e o vento* - e fazemos comentários sobre a obra literária, a construção da narrativa e dos personagens de cada história nos intervalos e durante os capítulos.

N - Qual a importância da promoção da leitura pela televisão?

M - A TV hoje é um veículo acessível a muitos milhões de brasileiros. A grande maioria tem o hábito de ver TV muito mais intenso do que de ler. Sabemos que através desse veículo podemos incentivar mais a leitura. Esse fenômeno sempre acontece quando a TV adapta obras literárias. Muitas pessoas compram o livro para conhecer mais e melhor a história. No Futura queremos incentivar não só a busca da leitura literária, mas também os livros informativos, a leitura de jornais, revistas, poesias...

N - Como você conheceu o trabalho da FNLIJ?

M - Conheci a FNLIJ ainda no mestrado, em 1992, com uma colega que trabalhava com literatura infantil. Na TVE, quando buscamos falar da leitura, procuramos a instituição, o que era inevitável. Ainda em 1996 fizemos uma série especial sobre literatura infantil. Pude acompanhar de perto os trabalhos da FNLIJ e me apaixonar pelo seu trabalho em nosso país.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: Price Waterhouse • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra •
Redação: Luciana Sandroni • Revisão: Laura Sandroni • Diagramação: Christiane Mello
Conselho Curador: Alfredo Weiszflog, Gisela Bluhm, Ferdinando Bastos de Souza, José Bantim, M^a Antonieta Antunes Cunha, Sergio Abreu da C. Machado Conselho Diretor: Propício Machado Alves (Presidente), Laura Sandroni, Ricardo Augusto Pamplona Vaz
Conselho Fiscal: Paulo Adolfo Aizen, Henrique Luz, Terezinha Saraiva, Márcio Tavares do Amaral, Maria do Carmo Marques Pinheiro. Conselho Consultivo: Ana Lygia Medeiros, Antonio Carlos Gomes da Costa, Ezequiel Theodoro da Silva, Celina D. da Fonseca Rondon, Edmir Perrotti, Eliana Yunes, Geraldo J. Pereira, José Mindlin, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Manoel Protásio, Paulo Rocco, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murтинho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente *Notícias*.
Tel.: (021) 262-9130

Apoio:

Price Waterhouse



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar Cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil telefone (021) 262 9130 fax (021) 240 6649

O Feminino na Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: poder, desejo e memória

(os casos Edy Lima, Lygia Bojunga Nunes, Marina Colasanti)

Percorremos os caminhos da construção do feminino, mergulhando na obra de três autoras da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea: Edy Lima, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti.

Essas três autoras vêm produzindo regularmente na segunda metade do século XX e são fortes representantes de três momentos marcantes da trajetória da mulher, no contexto cultural e literário brasileiro, com reconhecimento da crítica internacional e nacional do público.

Edy Lima representa as pioneiras, publicou a partir da década de 1940. Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti, mais próximas em termos de idade, produzindo nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Edy Lima e Lygia Bojunga iniciaram escrevendo para crianças e Marina Colasanti para adultos.

Observamos como dialogam a fada e a bruxa da sociedade de consumo na obra de cada uma delas e como contribuem para a formação do sujeito leitor, criando uma literatura de resistência ao poder cultural vigente.

Nessa pesquisa, unimos o texto da vida ao texto da obra, colhemos entrevistas, depoimentos, material crítico e tudo que pudesse ser esclarecedor para o estudo da obra. Optamos pela pesquisa qualitativa que valoriza não a quantidade, mas a representatividade. Trabalhamos com a etnografia, valorizando também a questão fenomenológica, que acredita que é quase impossível entender o comportamento humano sem tentar compreender o quadro referencial, dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.

Cruzamos os dados com a teoria da Estética da Recepção, verificamos as relações que estabelecem com a época, as condições de leitura e a interação com o leitor.

Observamos também a influência da tradição no intercâmbio de culturas que configuram a identidade brasileira. Não tentamos traçar uma história factual, mas buscamos uma historiografia de participação das três autoras.

Após análise das obras, verificamos que o poder, o desejo e o resgate da memória cultural formam o eixo estruturador através do qual perfis femininos são construídos literariamente por Edy Lima, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti; o trágico e a busca da felicidade, aparentemente opostos, marcam a existência humana na sociedade Pós-Moderna e se unem naquela reconstrução. O trágico, gerado pela incapacidade de organizar-se uma sociedade onde os interesses individuais fossem coerentes com os comunitários; já a busca da felicidade, quando não alcançada, acaba relegada à esfera do sonho, à interiorização, onde o ser humano se refugia, acomodando suas frustrações.

Aqueles que aceitam os desafios em busca dessa felicidade, como fazem os personagens por nós focalizados, cada um a sua maneira, são tidos como insatisfeitos, inquietos e loucos, pois jamais se entregam à docilidade, não aceitam papéis pré-determinados e apontam para mudanças.

Assim, personagens de Marina Colasanti como a moça tecelã e Ofélia, que vivem as emoções da descoberta, mas não revelam a ninguém; Mariana, de



FNLIJ

Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº1

Lygia Bojunga em *Nós três* e a menina de *A troca* e a tarefa são personagens densas, introspectivas, com universo interior rico, vivendo seus próprios conflitos de estar no mundo, tomar posse de um espaço que lhe seja próprio na sociedade. Elas carregam os traços da ambigüidade e da ambivalência, marcantes das mulheres da Pós-Modernidade.

O chamado desencanto da Modernidade toma conta e imprime na alma humana uma dimensão trágica. Esse desencanto é traduzido esteticamente nas obras analisadas, em relação aos papéis sociais instituídos no modelo tradicional em que homem e mulher têm sido levados a se enquadrar.

Buscando desenquadrar-se, as personagens femininas das três autoras são acometidas por uma crise de identidade, que se manifesta de diferentes formas. Algumas se realizam no final das narrativas, como mulheres, mas, às vezes, precisam antes experimentar a identidade do outro como é o caso de Ofélia, a ovelha e da princesa de *Entre a espada e a rosa*. Vivem a ambigüidade típica das mulheres, que não é um problema individual, mas uma resposta às mensagens diferentes e contraditórias que recebem da sociedade em que vivem.

Em Lygia Bojunga Nunes, inicialmente, a mulher não encontra a si mesma, é ambivalente, vive em crise, rompe, abandona o espaço social (*Tchau e Nós três*). Embora, nas primeiras histórias, nela se projete a vontade de ser grande, de crescer, de ser outro, o anseio de viver a experiência da androgenia. Em Marina Colasanti, predomina o desejo de ser mulher, sempre com suas peculiaridades e diferenças. Já em Edy Lima, a mulher não tem dúvidas, é auto-suficiente, superior ao homem e já ocupa um lugar de direito no social.

A criança das histórias de Marina Colasanti, representada por Ofélia, cresce, encontra a identidade. Quando jovem, atravessa os rituais de passagem e se encontra como mulher. Já em Lygia Bojunga Nunes, a partir de *Tchau*, as personagens femininas são levadas pela paixão, caminham para um destino trágico, se fragmentam, se dilaceram, chegando às raias da loucura, como em *Nós três*.

Algumas manifestam revolta, ressentimento e desejo de abandonar tudo numa anti-trajetória. Vivem o trágico que leva à violação e à morte. É a paixão desenfrêada que move o universo das personagens. Nessas duas autoras, o desejo e a vontade comandam a vida das personagens femininas. A diferença é que, em Marina Colasanti, elas manejam o leme, ou o tear

de suas existências, enquanto, em Lygia Bojunga, não conseguem situar-se, porque são excêntricas, desviantes, vivem no isolamento e não encontram o seu próprio centro.

Embora a procura da felicidade, em algumas histórias colasantinas e bojunguianas, leve à morte, e um determinismo trágico pareça pairar sobre as vidas das personagens femininas, a liberdade é um dom caro a elas, como o é para Quiquinha de Edy Lima.

Essas personagens femininas prezam o direito de ir e vir. Em Marina Colasanti, ele é conquistado bravamente, sem rompimentos no social e sem traumas. Já em Lygia Bojunga Nunes, só em *Fazendo Ana Paz*, na não aceitação por parte de Ana da festa de aniversário promovida pelos filhos, percebe-se uma liberdade sem rompimento brusco. Ele é substituído por uma tentativa de juntar partes.

Reconquistar a dignidade como bem do homem, sem depender do prestígio das relações sociais, tornou-se um imperativo nos dias de hoje. Essa é também uma das mensagens que podemos captar nos perfis das personagens femininas focalizadas. Em Edy Lima, ela é auto-suficiente, é a mulher instintiva, que não foi burilada, mas já faz a mediação entre o rural e o urbano; é uma mulher forte.

Em Marina Colasanti, a mulher está em busca da felicidade com mais tranqüilidade e sabedoria e sem as rupturas das personagens de Lygia Bojunga Nunes. Mas, em ambas, ela está sempre se perguntando sobre sua identidade e sua inserção social. Lygia inicia a indagação em *A bolsa amarela* e em *Angélica*, mas só começa a delinear as respostas em *Fazendo Ana Paz*. As duas lidam com o lado selvagem, instintivo, que atravessa o sonho, o inconsciente metafóricamente podado pelo homem predador, e deixam aflorar as paixões e os desejos adormecidos pelo falocentrismo.

Como vemos, por diferentes vias, quebra-se a imagem de mulher submissa ao poder masculino, à cultura hegemônica para deixar ouvir a fala sofrida. Por isso, criam uma literatura de resistência ao poder centralizador, através de personagens femininas que caminham em direção contrária ao sistema opressor.

No mundo ocidental, por muito tempo, acreditou-se que a força da razão resolvia todos os problemas, regulava o equilíbrio perdido, mas percebeu-se que o percurso foi diferente do imaginado, quando se deu o encontro com as paixões. Ignoradas e colocadas em segundo plano, elas agora são convidadas a comparecer no sonho, na memória, no desejo, na valorização do ser humano. Como acontece, por

exemplo, em *A troca e a tarefa* de Lygia Bojunga Nunes, e *Entre o leão e o unicórnio* de Marina Colasanti. A razão que excluiu os selvagens e pregou o mito do progresso não conseguiu garantir uma melhor distribuição de riquezas. O totalitarismo da razão que privilegiou o centro, em detrimento da margem e tentou enquadrar as diferenças sociais, étnicas, culturais e existenciais sofre uma implosão. Hoje é um *flash*, no interstício das grandes manifestações históricas que deve pairar o olhar do crítico.

Ao lado da geografia urbana em mutação, o material da literatura deve ser valorizado, pois ele lida sem preconceitos também com os marginais, os excluídos do poder, trabalha com a minúcia e o detalhe, articulando-os com o conjunto que a história oficial deixa escapar (*O bife e a pipoca*, *Fazendo Ana Paz*, *Meu amigo pintor*, etc...). O sucesso de algumas obras está justamente na profundidade com que determinados movimentos sociais são retratados, nos colocando frente a frente com uma verdade que nos é familiar.

As três autoras, por nós estudadas, trabalham com um discurso das bordas, das margens, construindo uma nova ordem, refletindo uma cultura feminina como experiência coletiva no interior da cultura *Lato Sensu*. Algumas vezes, através da carnavalização, mostram os desequilíbrios sociais.

Unindo literatura erudita, popular e de massa, articulam o intercâmbio de culturas, constróem um sujeito leitor, promovem uma revisão de *Polis*, restaurando-lhe o sentido de espaço onde a sociedade se reúne para discutir papéis, para repensar o lugar do sujeito, homem e mulher, resgatando-lhes a cidadania perdida.

A valorização do lugar da mulher e não mais da visão essencialista do feminino, os microdesejos, a dessacralização das questões sexuais, a procura do prazer sem repressão, o encontro do eu consigo próprio e com o outro marcam essa sociedade emergente.

Enfoques diferentes das questões do feminino nos trazem o sentido da diversidade e das fases do feminino, para as quais remetem as personagens das três autoras.

A partir de imagens do poder, do desejo e da busca da identidade e da memória individual e cultural, cada uma das autoras vai construindo o feminino na literatura infantil, mostrando etapas diferentes dessa construção.

Edy Lima tem uma visão fundadora dentro da instituição; a mulher é auto-suficiente, livre de

preconceitos, dona do destino, realizadora. Não há conflito. Há um só caminho e uma só saída; prevalece a metáfora da igualdade, mostrando uma mulher tão poderosa e onipotente quanto o homem. Trabalhando com o folclore, põe a nu a condição social da mulher através do cômico.

Lygia Bojunga Nunes recria uma imagem conflituosa da mulher. A auto-suficiência não satisfaz, porque parece não haver uma saída, aponta primeiramente para a não saída, para o descaminho. O caminho só começa a ser encontrado em *Fazendo Ana Paz*. Com esse percurso, leva-nos a refletir sobre a tragédia do conhecimento de si mesma e do seu lugar social. Uma personagem "mal resolvida", como se define Ana Paz, em crise, tenta libertar-se e se percebe estranha a si própria: é a metáfora da diferença.

Marina Colasanti mostra uma visão revolucionária e revolucionar não é, para ela, eliminar o outro. A verdadeira revolução é a que leva à transformação total. Revolucionar não é inverter, não basta que a mulher se coloque no lugar do homem, é necessário instituir-se uma nova ordem de relacionamento, parece-nos dizer a autora, nas entrelinhas.

Marina Colasanti, através de uma personagem feminina "suave mas guerreira", como a de *A espada e a rosa*, valendo-se de símbolos, do inconsciente, do apagamento dos limites que sempre se traçaram entre o espaço feminino e masculino, e do sonho, tenta uma reconstrução. Lembrança e memória são elementos aglutinadores de perfis femininos estilhaçados sócio-culturalmente. É a metáfora da igualdade na diferença, da constatação e aceitação das várias mulheres que existem em cada mulher, da reconciliação dos contrários: diferença e complementaridade.

Todas apontam para facetas distintas do que é ser mulher e ser homem numa sociedade plural, dividida entre o pré-capitalismo barroco de algumas regiões brasileiras (*A vaca voadora*, de Edy Lima, *A moça tecelã*, de Marina Colasanti) e o modo capitalista de viver, cercado pelo consumo desenfreado das metrópoles.

Por isso, a grande sabedoria é manter a pluralidade, porque a identidade da mulher brasileira leva ao encontro de saídas possíveis, à busca do idêntico na diferença.

O universo masculino entra em conflito nos contos colasantianos, e o homem sai em busca dos desejos que povoam os sonhos da mulher, atinando para a reconstrução do masculino.

Na imagem masculina edyliana não há conflito, não

há questionamento, ela é relegada a um segundo plano. A mulher apresenta-se inteira, e realiza-se, sobretudo, no plano mágico, o que aproxima sua narrativa da visão barroca latino-americana.

Nos contos bojuanguianos, a imagem masculina é questionada, há tensão; o convívio da mulher com o homem é conflituado e ela acaba cindida, estilhaçada.

Na obra de Marina Colasanti, o convívio com o homem é compartilhado, a mulher encontra saídas que apontam para possibilidades de a mulher se satisfazer nesse mundo, numa visão em que ela pode refazer seus laços, como em *A moça tecelã*. Toda uma construção de valores do conto de fadas e da ideologia burguesa: o casamento, a modelização da mulher, o controle do corpo, as regras de nascimento e morte, com uma legislação que só aparentemente protegia a mulher, sofre uma releitura através de um olhar feminino.

Afastando da literatura infantil as superficialidades e as soluções fáceis, a obra dessas autoras tem um compromisso com a formação do leitor crítico, aquele que questiona a cultura, não sendo um mero consumidor de *best sellers* digeríveis, questiona a cultura, porque recria em seus enredos o contexto histórico, o mal-estar individual e social, criticando, através de recursos acessíveis ao leitor iniciante, os caminhos da razão instrumental. Não opera com a dicotomia razão x emoção, mas com a dialética que, não eliminando pares, dialoga com eles, integrando as oposições.

Ao trabalhar a linguagem, as autoras criam um mundo imaginário, produzem um sentido, constroem o percurso, de um novo sujeito que duvida de sua própria fala, que cresce junto com os personagens, porque com eles se identifica.

Discutindo o papel do leitor, do autor e do texto, como faz Lygia em *Livro, Fazendo Ana Paz e Paisagem*, essas autoras colocam a nu a arte de contar histórias: o que contam e como contam, a própria estratégia de enredar o leitor que experimenta um prazer ao descobrir os artifícios que o transformaram em vítima da trama da leitura literária.

Suas obras criam um público, escapam do rótulo de literatura de massa ao valorizarem não um argumento externo, mas o próprio ato de escrever. Inserem-se numa literatura da diferença, ligada a uma cultura de resistência, que une os tempos, numa visão onde o horizonte final do texto não é o encontro de um único sentido, mas aponta para a possibilidade de uma interpretação polissêmica onde se insere o leitor.

Edy Lima, Marina Colasanti e Lygia Bojunga Nunes colocam o leitor em contato com suas verdades mais profundas, constroem uma obra que colabora para a formação (*Bildungsroman*) do leitor, ao abordarem ritos de passagem, onde as personagens vivem novas experiências em busca do próprio conhecimento. Lidam não só com a pré-adolescente (*A primeira só; A troca e a tarefa; Ofélia, a ovelha*), mas também com situações limite na fase da identidade plena e psíquica da jovem, pronta para o amor (*Entre a espada e a rosa, Entre as folhas do verde o, de Marina Colasanti, etc...*). São situações também vividas pela mulher adulta, experiente ou não, como é o caso das personagens de Lygia Bojunga, Mariana, de *Nós três, Ana, de Fazendo Ana Paz e a mãe de Tchou e Quiquinha, de A vaca voadora, de Edy Lima*.

As personagens femininas das três autoras não mantêm a visão essencialista da mulher, ao contrário, apresentam uma visão cultural, onde não se sabe o que é ser mulher, mas se discute como são as mulheres. Assim, as autoras

**Rosa Maria
Cuba Riche**

*Doutora em Teoria
Literária, Mestre em
Literatura Brasileira/
UFRJ e Coordenadora
da Oficina da Palavra
APLIC.*



**Reflexões sobre leitura
e lij. Fascículo nº1**
Parte Integrante do
Notícias 11/97
Fundação Nacional do
Livro Infantil e Juvenil

Responsável:
Elizabeth D'Angelo
Serra
Revisão:
Ninfa Parreiras
Fotolito e Impressão:
Price Waterhouse